

DEVORADO PELOS INDIOS GOVERNADOR DA BAHIA



Ilha de Itaparica, Bahia, 1546
(Do correspondente — Urgefte)

Depois de escapar da morte no mar, após um naufrágio de sua embarcação na entrada

da barra, Francisco Pereira Coutinho e sua gente foram devorados pelos tupinambás.

Coutinho, velho soldado na Índia e capitão-donatário da Bahia, voltava de Ilhéus, para onde fugira em virtude da su-

blevação dos índios de sua capitania.

Falco de energia, além do problema das relações com os indígenas, viu-se a braços com séria dificuldade criada por um clérigo, Bezerra. Este, no auge dos acontecimentos, quis prendê-lo e Coutinho não teve outro recurso senão fugir para Ilhéus, acompanhado de poucos amigos. O capitão de Ilhéus, Pero do Campo, fê-lo voltar, depois de algum tempo. O alvará com que Bezerra queria prendê-lo, apurou-se depois, era falso.

ALVARES ESCAPOU

Em companhia de Coutinho viajava Diogo Alvares.

Em declarações a O BRASIL EM JORNAL, Diogo contou o que foi o naufrágio.

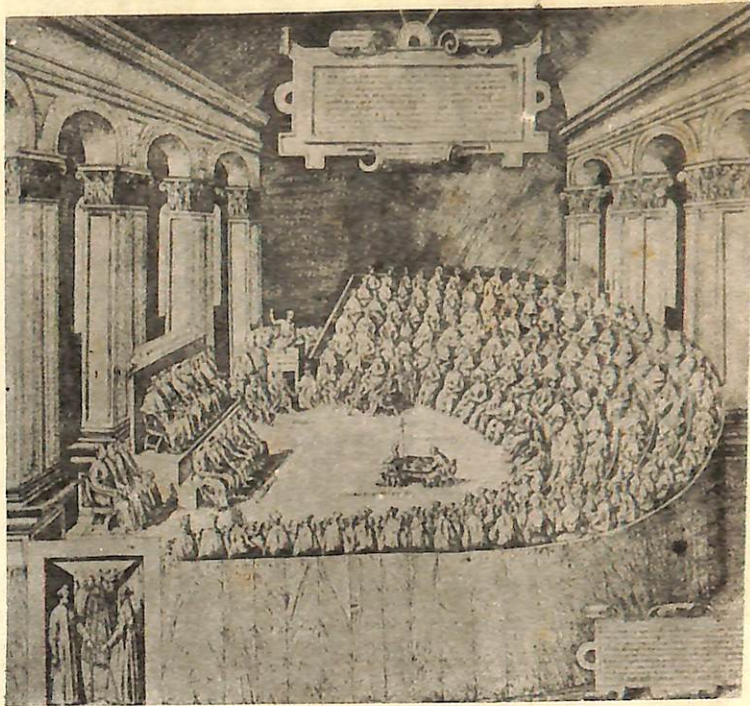
— Na entrada da barra, disse-nos, um temporal surpreendeu-nos. O navio não suportou a arrebentação e afundou. Nadamos para o litoral, numa região cheia de tubarões. Alcançamos a ilha eu, o capitão e muitos outros. Os índios de Itaparica aguardavam-nos. Tive pressentimento de que alguma coisa de terrível nos esperava. Ocultei-me entre as rochas, mas fui descoberto. Coutinho, soube-o depois, já fôra devorado num festim indígena.

GANHOU APELIDO

Contou-nos Diogo Alvares que ganhou até um apelido indígena: Caramuru.

— Caramuru, na língua desses índios, significa peixe que vive entre as rochas, uma espécie de enguia. Acredito que me tenham chamado assim por que me ocultei, como já disse, entre as rochas, logo que cheguei a Itaparica.

Diogo, concluindo, disse que atribui não ter sido devorado ao fato de saber falar a língua dos selvagens e de estar muito magro por ocasião do naufrágio.



INSTALADO CONCÍLIO DE TRENTO

Na 2ª página publicamos reportagem detalhada sobre a realização do Concílio da Igreja, instalado em fins de dezembro de 45, na cidade de Trento. O flagrante é de uma das mais concorridas sessões.

o Brasil em Jornal

1545/46	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00
N.º 10		Aéreo: Cr\$ 12,00
		Atrasado: Cr\$ 15,00
Diretor: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES



Aretino, num excelente retrato feito por seu amigo Ticiano. Ao lado, a estátua de Pasquim

ARETINO E O PASQUIM

Veneza, 1546

Três homens famosos, e muito diferentes entre si, são inseparáveis: Ticiano, o grande pintor; Sansovino arquiteto e escultor dos maiores, e Pedro Aretino, «O Infame», o mais temido cronista, escritor e jornalista desta época.

Esses três homens formam um trio inseparável, freqüentemente visto no fabuloso palácio de Aretino, onde lindas mulheres circulam ao lado de príncipes e potentados das artes e das finanças.

Todos querem ser seus amigos. Uns para figurarem favoravelmente em seus livros e peças teatrais. Outros para, pelo menos, serem poupados pelo feroz «pasquinoiro», como ficou apelidado desde a sua primeira obra: «Pasquinada».

Aliás, o nome vem de uma velha estátua existente em Roma e que traz o nome de Pasquim, sobre a qual apareceram os primeiros escritos de Aretino e, depois, diariamente, tôda a espécie de calúnias, infâmias e injúrias de caráter imoral e sempre atingindo a vida privada dos altos personagens.

Ticiano, que não esconde sua amizade por Aretino, assim se expressa sobre ele: — Digam o que disserem, Aretino é, de fato, um «condotieri» da literatura.

Um fio
de barba
vale

pela palavra
empenhada

LUTERO
NÃO EXISTE
MAIS



(Leia na pág. 8 sensacional reportagem sobre a epopéia de Diu).

ESTÁ À MORTE O REI DA INGLATERRA

Londres, 31, dezembro, 1546 (Urgente)

Boletim oficial acaba de anunciar que é precaríssimo o estado de saúde de Sua Majestade o rei Henrique VIII. Além da úlcera numa das pernas que se estende cada vez mais em seu caráter maligno, o soberano, aos 55 anos, está enfrentando outros problemas de saúde.

Depois de repousar o outono em Windsor, regressou a Londres no mês passado e se mantém em seus apartamentos reais padecendo horrivelmente, tendo sempre ao lado sua sexta mulher, Catarina Parr.

Vários médicos estão permanentemente à cabeceira do real enfermo, tentando, por todos os meios, minorar-lhe os

sofrimentos, sem grande sucesso. Dia a dia o gigantesco soberano emagrece. Ao seu lado, sir Anthony Denny, um dos seus grandes favoritos, e o arcebispo Thomas Crammer.

Ouvimos um dos médicos que nos declarou extra-oficialmente: — «É desesperador o estado de Sua Majestade. E o pior é que nenhum de nós pode dizer isto ao rei, uma vez que a lei é clara e considera crime de alta traição prognosticar, por qualquer forma, mesmo na qualidade de médico, a morte de soberanos ingleses. Resta-nos esperar o desenlace. Não há a menor possibilidade sequer de tornar estacionário o mal que a úlcera vem fazendo a Henrique VIII. Que Deus se apiede de sua alma.»

Lucas Cranach, grande pintor e amigo íntimo de Lutero, forneceu a «O BRASIL EM JORNAL» este retrato do líder reformista por ele pintado, e que é, talvez, das mais fiéis representações do ilustre morto.

Cranach é autor de inúmeros outros retratos de Lutero que ele tem difundido pela Europa inteira.

Na página 2 publicamos reportagem sobre a morte do líder protestante.

4.91
12.2629

Devorado pelos índios Governador da Bahia

Bahia, 1546 (Urgente)

Fôrças inglêsas desembarcaram nesta cidade e seu capitão, um certo Pudsey, de Southampton, deu início à construção de um forte. Desconhece-se qualquer detalhe.

PRIMEIRA SANTA CASA

Santos, dezembro, 1545 (Do correspondente)

O fundador desta cidade, Brás Cubas, recentemente elevado a lugar-tenente da colônia de Martim Afonso, serviu-se de seus poderes para dar foral a esta cidade, que progride dia a dia. Sobre o fato publicamos notícia no número anterior.

O hospital de Santos é considerado obra de inestimável valor para a cidade, e a população considera Brás Cubas verdadeiro pai e benfeitor. Para atender aos doentes pobres o capitão-mor instalou uma Santa Casa de Misericórdia, a primeira do Brasil.

PARAIBA ABANDONADA

Vila da Rainha, 20, abril, 1546 (Do correspondente)

O insulto e a traição de um pirata da costa acabaram com a capitania de Pero de Góis.

Como noticiamos em nosso número anterior, a capitania de Paraíba do Sul fôra assaltada pelos índios na ausência

de Pero de Góis. A fôrça de vontade do capitão, todavia, praticamente reconstruiu tudo. Já havia funcionando em Vila da Rainha duas engenhocas puxadas a cavalo.

Aconteceu, porém, um incidente de trágicas conseqüências: Henrique Luís, pirata destes litorais, aprisionou um chefe índio e o entregou a seu maior inimigo. Em represália, os índios assaltaram, pela segunda vez, a capitania de Pero de Góis. Seus homens chegaram a passar fome, cercados pelos indígenas. Depois de ter 25 baixas, Góis resolveu abandonar a cidade, passando-se para a capitania do Espírito Santo.

CAPITÃO FORAGIDO

Espírito Santo, 21, maio, 1546 (Do correspondente)

Apesar de todos os atritos entre os índios e colonos desta capitania, continuam os responsáveis pelos negócios estrangeiros de Portugal a baixar atos de administração de nenhum alcance. Assim, em menos de 3 meses, foram nomeados para, respectivamente, almoxarife e contador das rendas na colônia, Belchior Correia e Rui Fernandes.

O capitão do Espírito Santo, ao que nos informou um porta-voz das colônias, está foragido numa ilha ao largo de sua capitania e impossibilitado de exercer os atos de domínio.

1200 CRISTAOS EM 5 CAPITANIAS

Valadolid, setembro, 1546 (Do correspondente)

Um porta-voz do governo espanhol informou, sobre a situação no Brasil, em documento de caráter reservado, que há ali, presentemente, grande quantidade de engenhos de açúcar, apesar de todos os contratempos administrativos.

A certa altura diz o documento: «S. Vicente, por exemplo, tem muito gado, vacas e porcos, além de algodão e açúcar. Na Bahia, igualmente.»

Sobre os habitantes das capitanias informa:

«Olinda tem cerca de 400 homens livres e 500 escravos; Igarau: 150 habitantes; Bahia: 200 homens livres e 260 escravos; Ilhéus: 60 cristãos e 80 escravos, e no Espírito Santo: 300 cristãos e igual número de escravos.»

FILHO CONTRA PAI

Pôrto Seguro, 24, novembro, 1546 (Do correspondente — Urgente)

Denunciado à Inquisição há três anos, inclusive por seu filho, sob a acusação de se dizer «papa» e «rei», o capitão desta capitania, Pero do Campo, foi prêsso, hoje.

As denúncias contra Campo foram veiculadas por O BRASIL EM JORNAL em primeira mão, há tempos. Sua prisão é considerada uma vitória de seus inimigos.

Este correspondente apurou que muitos dos crimes de que o capitão é acusado são puras invenções de duas pessoas: André do Campo seu próprio filho, e Gaspar Fernandes.

André do Campo teria agido assim para tirar ao pai (Pero) o domínio de Pôrto Seguro.

FRACASSO

Lisboa, dezembro, 1546 (Do correspondente)

A morte de Francisco Pereira Coutinho, o desbarato de todo o trabalho de Pero de Góis, a prisão de Pero do Campo Tourinho, as complicações na capitania de Vasco Fernandes Coutinho são sinais de que a política de capitanias fracassa no Brasil.

Em Ilhéus, sob governação de Francisco Romero, sabe-se que as coisas não vão bem. Com exceção, pois, de São Vicente e Pernambuco, as capitanias falharam redondamente. Uma autoridade em política exterior adiantou a O BRASIL EM JORNAL que já se fala em mudança de direção política.

— A nova tendência, disse-nos o porta-voz, seria a unificação do país sob um governo central.



Num esforço de reportagem obtivemos, ainda de Cranach, reproduções que representam: 1. O pai; 2. A mãe e 3. A mulher de Lutero, a ex-monja Catarina Bora.

Indagado sobre o que ocorreria com as capitanias, que, afinal, se tornaram produtivas, a fonte adiantou que não deveria haver exceção:

— A centralização deverá ir ao mesmo extremo que foi a descentralização.

Os pontos de vista de O BRASIL EM JORNAL, infelizmente, se confirmam. Embora oficialmente não se consigam declarações oficiais de membros do Conselho Real, é certo que estamos às vésperas de uma mudança radical. Sobre o assunto, leia nosso Editorial na 4ª página desta edição.

CONTRABANDO EM ITAMARACA

Itamaracá, 20, dezembro, 1546

Seis navios carregados de pau-brasil largaram desta capitania com destino ignorado, supondo-se mesmo que sigam

para países que não estejam em boas relações com Portugal.

A propósito, o capitão de Pernambuco, em data de hoje, reclamou providências contra o que considera atos de pirataria em costas do Brasil.

Itamaracá, desde a morte de seu donatário, está em situação considerada difícil. A viúva de Pero Lopes, Isabel Gamboa, nomeou para tratar de seus interesses aqui, inicialmente, João Gonçalves. Mas o capitão, em conseqüência de um temporal, teve sua rota desviada e foi parar na ilha de São Domingos. O governo de Itamaracá foi entregue a Pedro Vogado.

Com o regresso forçado de Vogado a Portugal, Itamaracá ficou outra vez sem governo. Apenas um abnegado, Miguel Álvares de Paiva, tem procurado manter as aparências de legalidade de posse.



QUEIMADO

DOLET

Paris, 3, agosto, 1546 (Urgente)

Etienne Dolet, editor e escritor que vinha pregando a liberdade de consciência e de religião, foi hoje queimado numa fogueira na Praça Maubert, depois de ver inúteis e rejeitados todos os seus apelos de clemência dirigidos a Francisco I.

Dolet estava no cárcere há muito tempo e seus livros, assim como outros que editara em favor da liberdade de pensamento, já haviam sido queimados publicamente.

A execução do editor e escritor é um testemunho desta época de terrível exacerbação dos espíritos, que está levando a Europa — com exceção dos países nórdicos — a se iluminar de fogueiras humanas e a embeber o seu solo em sangue dos sacrificados à sanha das paixões.

Aqui na França os ânimos estão cada vez mais exaltados e em algumas cidades e regiões têm tido lugar verdadeiros massacres que são como que o prelúdio de sangueiras maiores.

PRÍNCIPE FRANCÊS VÍTIMA DE MAL SÚBITO

Paris, 1545 (Urgente)

Acaba de morrer de mal súbito o duque de Orleans, segundo filho de Francisco I, e que, na última fase da guerra, conquistou o Luxemburgo. Caem, assim, por terra as combinações matrimoniais estabelecidas com a paz de Crepy.

Lutero não existe mais

Eisleben, 18, fevereiro, 1546 (Do correspondente)

Com 63 anos, quase a metade de vividos a lutar por uma idéia, morreu hoje nesta cidade onde nasceu, Martinho Lutero, um dos principais responsáveis pelos conflitos religiosos que dividem a Europa.

Lutero era monge agostiniano, professor de Direito e Filosofia. Filho de Hans Lutero e Margarida Ziegler aqui nasceu a 10 de novembro de 1483. Estudou em Erfurt, onde tirou o curso de leis. Doutorou-se em filosofia em 1505 e em julho do mesmo ano pôs-se a serviço de Deus. Ordenou-se em 1507 e passou à Universidade de Wittemberg, onde, enquanto estudava Teologia, lecionou dialética e física aristotélica. Entre 1510 e 1511 fez uma viagem a Roma. Para os íntimos, a partir dessa época, já pregava certas idéias de reformar a religião, mas só em 1517, em Roma, é que as revelou publicamente.

Em 31 de outubro de 1517 afixou na porta da igreja do castelo de Wittemberg suas 95 teses. Considerado hereje, negou-se a retratar-se no ano seguinte. Em 1519 refutou a hierarquia do Papa e a autoridade dos concílios. Em junho de 1520 foi oficialmente declarado hereje e excomungado.

Queimou a bula que o condenou simbolizando sua ruptura com Roma. Na Dieta de

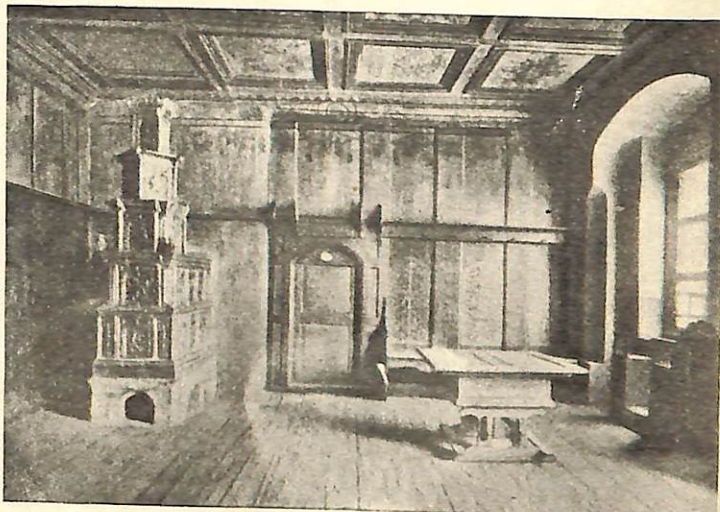
Worms (1521) ratificou seu procedimento diante de Carlos V. Para fugir à prisão, refugiou-se em Wartburg, propriedade do duque da Saxônia, iniciando, a partir de então, a tradução, para o alemão, do Novo Testamento.

Suas doutrinas serviram a muitos grupos revolucionários e estiveram a ponto de desaparecer na anarquia. Em 1525, contrariando o princípio do celibato eclesiástico, contraiu matrimônio com uma monja, Catarina de Bora. Nesse mesmo ano rompeu com Erasmo

e em 1529 celebrou um tratado com Zwingli, mas nunca chegaram a acôrdo sobre a interpretação da fórmula eucarística. Lutero combateu, entre outros cientistas, o grande Copérnico.

A obra de Lutero dividiu realmente a Igreja Católica, mas, de um modo ou de outro, contribuiu para que o espírito religioso se mantivesse sem as reformas que pregou.

Lutero morre no momento exato em que se trava a luta armada religiosa e tem início o Concílio de Trento.



Este é o quarto em que viveu Lutero em Wittemberg



DE TICIANO PARA «O BRASIL EM JORNAL»

Ticiano retratou para O BRASIL EM JORNAL, com seu maravilhoso pincel, um momento da conferência entre o Papa Paulo III e seus sobrinhos, o cardeal Alexandre Farnese e o duque de Parma, Otávio Farnese quando eram eles instruídos por Sua Santidade sobre o Concílio de Trento. (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL).

Instalado Concílio de Trento

Trento, 13, dezembro, 1545
(Para O BRASIL EM JORNAL)

Finalmente, após anos de delongas e demarches de toda a espécie entre o Papado e os reis da França, Inglaterra e principalmente o imperador Carlos V, instalou-se hoje, solenemente, o grande Concílio Universal da Igreja.

A catedral desta imperial cidade, com um anfiteatro armado sob a sua abóboda, é a sede da assembléia. A reportagem anotou a presença de pouco mais de 30 bispos, cardeais e legados, um deles presidindo o Concílio em nome do Papa.

LUTA INTERNA

Trento, dezembro, 1546 (Urgente)

O Concílio da Igreja está sofrendo os efeitos da luta surda que se trava entre o Papa Paulo III e o imperador Carlos V que depois de mover a guerra contra os protestantes para — afirmou o soberano —

obrigá-los a aceitar o Concílio, entrou em crise com o Papado. Paulo III não admitiu a presença nem de Carlos V, nem de qualquer príncipe. Concedeu, apenas, o direito de se fazerem os chefes de Estado representar sem direito a deliberar ou votar.

O Papa teme a preponderância de Carlos V sobre o Concílio e procura fixar as discussões cada vez mais no sentido da irredutibilidade dogmática, ao contrário do Concílio de Latrão cujas decisões foram tímidas e fracas.

Neste primeiro ano de sessões o estado de espírito reinante é o de um constante sobressalto.

Carlos V não esconde, por seus mais autorizados representantes, o desejo que sempre teve de ver o Concílio liberto da influência e direção do Papa. Sabe-se que o imperador quer, acima de tudo, conseguir, depois da vitória pelas armas, a união de todas as Igrejas a que estão filiados os príncipes alemães.

Podemos informar com segu-

EXECUTADAS

58 PESSOAS

EM GENEBRA

Genebra, dezembro, 1546 (Urgente)

58 pessoas foram condenadas à morte e executadas nestes primeiros 5 anos e pouco de governo calvinista de Genebra. Muitas delas por motivos fúteis, tais como terem dançado, usado roupas diferentes das fixadas em lei ou terem dado festas em suas casas.

Os movimentos subterrâneos anticarvalvinistas são punidos com pena capital para os responsáveis e longas detenções ou exílios para os outros envolvidos.

Calvino vem de publicar um outro livro defendendo seus pontos de vista superpuritanos e atacando violentamente os que deles discordam. Chama-se o livro: «Contra a seita dos libertinos».

QUININO CURA

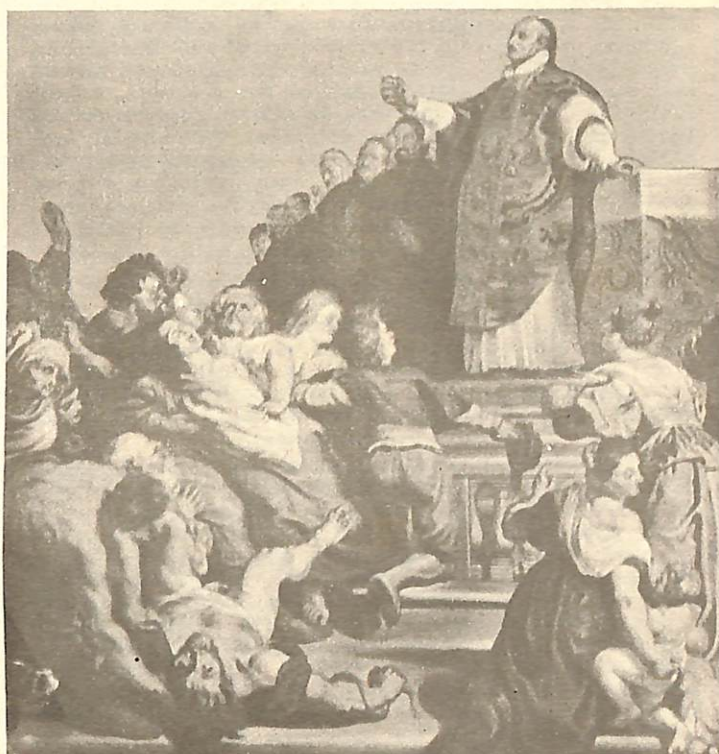
CARLOS V

Basiléia, 1546 (Do correspondente)

A droga denominada quinino, recentemente trazida da América, teve sua mais importante aplicação: foi ministrada ao imperador Carlos V por seu médico oficial André Vesálio, já consagrado como anatomista e patologista. O imperador ficou completamente restabelecido da febre que o acometera.

A cura de Carlos V foi mais uma grande vitória desse jovem cientista, que dá, assim, um golpe de mestre nos que teimam em não reconhecer seu alto valor.

Vesálio teve mais um gesto consagrador em sua passagem por esta cidade, doando um esqueleto completo à Escola de Medicina. Trata-se de presente principesco, dada a dificuldade em se obter tão valioso elemento de estudo. Foi o próprio Vesálio quem armou o esqueleto, pois somente ele, dados os seus excepcionais conhecimentos de anatomia, poderia fazê-lo com tanta perfeição.



O GENERAL DOS JESUÍTAS EXPULSA DEMÔNIOS

Inácio de Loiola não descansa em sua obra. Empregando todas as suas energias na solidificação e expansão da Companhia de Jesus, Loiola não abandona as pregações.

Aqui o vemos, no altar, exorcizando pessoas endemoniadas, de todos os sexos e idades.

Dinheiro a 16%!

Jean Kleberger, o "Bom Alemão", diretor do Sindicato de Fundos, organizado pelo Cardeal Tournon em Lião, França, oferece aos capitalistas de toda a Europa juros de 10 a 16% para depósitos de seu dinheiro, garantindo pagamentos periódicos desses juros.

Você não conseguirá nos bancos da Europa juros de mais de 5 a 8%. O Sindicato é garantido pelo governo da França e já executou com sucesso o plano de conseguir 60 mil libras de depósitos na cidade de Lião.

Procure hoje mesmo Jean Kleberger, o "Bom Alemão", ou seus auxiliares diretos, em Lião, e deposite suas economias no Sindicato que tem a garantia da Coroa Francesa.

Até 16% de juros; segurança absoluta; pagamentos garantidos!

Lião, 1545



TRENTO
Concílio à beira do rio

Capitanias à matroca

Bem avisados andamos quando fizemos restrições à divisão do Brasil em capitanias hereditárias. Previmos mesmo o malogro desse processo de colonização do desmarcado território compreendido entre o rio das Amazonas e a ilha de Santa Catarina. Não que pusessemos em dúvida a boa intenção dos conselheiros que propuseram a medida, nem a de d'El Rei que a decretou. De fato, exigindo o armamento das naus destinadas à Índia, fonte de riquezas indiscutível, despesas muito grandes, e sendo Portugal país de minguados recursos, está-se a ver que não seria possível distrair somas do erário para povoar e desenvolver, além Atlântico, as regiões selváticas de Santa Cruz, onde somente o pau-de-tinta e poucos mais produtos naturais ofereciam compensação aos pesados gastos de longa travessia marítima. Assim, voltou a coroa sua atenção para a iniciativa particular, oferecendo-lhe na vastidão da costa brasileira fatias territoriais, onde, aplicando cabedais e indústria, pudesse, ao mesmo tempo, auferir proventos e desenvolver o país.

Mas é sabido que as mais belas teorias muitas vezes falham na aplicação prática, pois então concorrem causas ou decorrem efeitos que a mente humana, limitada no tempo e no espaço, fôra incapaz de prever. Daí o dizer-se que o que mais vale aos estadistas é a sua estrêla e não propriamente a sua capacidade. Para que as capitanias, doadas a homens de prol com tão grandes privilégios que só lhes faltava o de bater moeda para serem verdadeiros monarcas, prosperassem, emparelhando-se em recíproca e bela emulação, fôra mister que seus donatários tivessem mentalidades semelhantes, imbuídas da mesma dedicação ao bem público; que os seus tratos de terra correspondessem igualmente, pela sua produção, pelas suas vantagens e pelos seus habitantes, aos esforços desenvolvidos para seu progresso; que os administradores dispusessem de largos recursos pecuniários para a grande obra.

Na nova terra achada por Pedro Álvares Cabral não se observava o menor vestígio de metais preciosos, como os espanhóis encontraram no México e no Peru. Também não se tiveram notícias de gemas ou especiarias. Nas viventes matas do litoral florescia em grande quantidade o berzil ou brasil, o sapang oriental, a madeira tintória. A terra se apresentava fértil, lavada de boas águas. O gentio costeiro era acolhedor e de fácil aliança.

Por isso, ao cortar em fatias o bôlo que a viagem cabralina lhe oferecera, os pretendentes mais avisados procuraram ficar com dois quinhões pelo menos, um mais ao norte, outro mais ao sul, a fim de se indenizarem, com o que porventura encontrassem num, daquilo que o outro lhe houvesse negado. Não podendo, porém, entregar-se à exploração de ambos, acabaram dedicando-se mais a um e abandonando completamente o segundo. Foi o que aconteceu com Martim Afonso de Sousa e seu irmão Pero Lopes. No extremo norte, Álvares de Andrade e João de Barros despenderam tudo quanto possuíam e o perderam no naufrágio de suas ambições, pretendendo, sem dúvida, não colonizar a terra, mas por ela adentro se enfiarem em busca daquela prata e daquele ouro do Potosi e do Cuzco, que, carregado nos galeões espanhóis do Panamá, incendiavam as imaginações. Aqui, o donatário, exaurido pelo gasto improdutivo, morreu sem lençol para a mortalha. Ali, a ferocidade do indígena ou a voracidade do pirata destruiu os estabelecimentos incipientes. Acolá, o proprietário da capitania entregou ou transferiu a procuradores ou substitutos a administração do seu patrimônio. E houve ainda o contemplado com um bom pedaço do Brasil que tanto caso fêz da real doação como, conforme o dizer do povo, da primeira camisa que vestiu.

Tão mesquinhos resultados não são de molde a compensar a divisão feita do vasto território brasileiro e a alienação dos direitos soberanos da coroa portuguesa sobre essa parte da América, onde tudo faz prever um papel primacial para a ação cristianizadora ecumênica da gente lusa. O regime das donatárias, afirmam os fatos claramente, é um regime falido. O desenvolvimento, apesar de tudo, de Itamaracá, Olinda e São Vicente-Santos ultrapassou a craveira feudal das donatárias imposta ao Brasil; rondam-no duas ameaças: a da dispersão e disparidade de esforços capaz de segmentar em breve futuro o todo brasileiro e a das ambições estrangeiras, sobretudo da gente diepesa e maloina, que trafica com a indiada costa a fora, já estadiando como habitual moradora em certas paragens.

Temos conhecimento de que o assunto tem sido ultimamente ventilado nos conselhos da administração, e de que El-Rei encareceu aos seus colaboradores o estudo das condições em que se encontram as capitanias e a proposição consequente ao mesmo das medidas capazes de pôr fim ao descalabro, estabelecendo a unidade de comando na administração colonial do Brasil. Podemos mesmo adiantar que tudo quanto diz respeito à momentosa questão está afeto ao discernimento, experiência e capacidade do excellentíssimo Sr. Conde da Castanheira, tido e havido com justiça como um dos grandes homens de estado da nação portuguesa.

Se não se recorrer a um meio heróico, o Brasil se desmembrará. Lavram por êle a fora desmoralização e irreligiosidade. As naus francesas expulsam de suas águas as velas lusas. Bretões e normandos dominam os litorais. O contrabando e a pirataria fazem as leis. Não acreditamos, portanto, seja mantido o regime das capitanias que está conduzindo o Rei a perder, a sua terra. Nossa fundada esperança é a de que dentro de breve prazo se porá de vez côbro a êsse crescente descalabro.



A MODA COMO ELA É

CANDELABROS

A novidade em artigos para o lar, principalmente os de que nos ocupamos hoje, é o emprêgo de estatuetas com a figura humana. As donas-de-casa estão encontrando no mercado candelabros de vários tipos, segundo a procedência. Os candelabros italianos estão se tornando famosos pelo emprêgo da figura de mulher, geralmente desnuda. Já os alemães exploram as figuras militares, soldados etc. Os dois modelos são aqui apresentados para que as leitoras possam apreciá-los e escolhê-los de acordo com sua conveniência e gosto.



ENSINO

MESTRE ITALIANO

Lisboa, 1, outubro, 1546

Outro mestre italiano acaba de ser sondado para vir ensinar na Universidade de Coimbra. Trata-se de Restoro, a quem o rei D. João III mandou oferecer mil escudos anuais, durante 4 anos, com tôdas as despesas de viagem pagas.

Sobre Marco de Mântua, que já fôra convidado, soube-mos que aceitaria vir para Portugal, desde que lhe fosse dada licença na Itália, com o salário de mil e cem escudos.

PANORAMA

Lima, Peru — A fundação da cidade de Santiago, em 1541, por Pedro Valdivia, velho companheiro de Francisco Pizarro, é considerada aqui como o primeiro passo para a colonização do Chile.

★

Goa, Índia — A notícia de que Nuno da Cunha, ex-governador português da Índia, morreu na viagem de regresso a Portugal, em janeiro de 1541, confrangeu a opinião pública. Nuno fôra deposto e enviado preso para Lisboa, por ordens de seu substituto, Garcia de Noronha. Antes de embarcar, pediu a Deus que o livrasse da humilhação de entrar preso em Lisboa. Deus o atendeu.

★

Goa, Índia — O substituto de Nuno da Cunha foi pouco feliz. Noronha morreu depois de pouco mais de dois anos de exercício no poder, que um porta-voz do governo nesta cidade considerou calamitoso. Para o seu lugar foi designado Estêvão da Gama, que ordenou uma expedição de auxílio ao rei da Abissínia, às voltas com os turcos. Mas o governo do filho do descobridor durou pouco: o rei D. João III mandou que o substituisse Martim Afonso de Sousa, aqui chegado em maio de 1542.

★

Salzburgo, Alemanha — Paracelso morreu mesmo envenenado. As autoridades procuram, desde 1541, o assassino do cientista, infrutiferamente.

★

Marrocos — Os portugueses de Alcácer Céguer estão preocupados com a ocupação de Santa Cruz do Cabo Guér e o abandono das praças de Safim e Azamor. Receiam que os muçulmanos ataquem a cidade a qualquer momento.

Copenhague, Dinamarca — Repercutiu favoravelmente na Dinamarca e na Noruega o ato de Carlos V que reconheceu Cristiano III no trono desses países, em fins de 1544.

★

Smalkade — Informa-se nesta cidade que a liga de forças protestantes que tem seu nome está cada vez mais forte com a adesão de bispos católicos, eleitores e príncipes. Numa assembléa aqui realizada, em 1544, ficou estipulado que cada príncipe teria o direito de manter a sua religião dentro de seus territórios.

★

Angra, ilha dos Açores — O governador desta ilha mandou dizer ao rei de Portugal que recebeu a visita, em maio de 1546, do ex-governador da Índia, Martim Afonso de Sousa. Consta que Martim fez bons negócios na Índia e leva agora que volta a seu país, para D. João III, cerca de 300 mil pardaus. Recordar-se, aliás, que a nomeação de Martim para o alto cargo não lhe agradou muito. Preferia coisa melhor, quando o mandaram substituir Estêvão da Gama.

★

Roma, 22, maio, 1545 — O Papa autorizou, hoje, a criação de dois bispados em Portugal: um em Leiria e outro em Miranda.

★

Lisboa, agosto, 1546 — D. João III dirigiu-se ao Sumo Pontífice e a Inácio de Lolola recomendando-lhes a evangelização da Etiópia.

★

Roma, 15, outubro, 1546 — Em bula de hoje, o papa Paulo III enviou ao infante D. Henrique o chapéu cardinalício. O infante fôra eleito cardeal em 16 de dezembro de 1545.

XAVIER RUMO ÀS MOLUCAS

Cochim, setembro, 1545 (Do correspondente)

Francisco Xavier, jesuíta chegado à Índia há três anos e cuja pregação tem alcançado os mais remotos lugares da Ásia, está de partida para as Molucas, onde visitará Amboino e Ternate, pontos de colonização portuguesa.

Correm rumores de que Xavier não está contente com o comportamento dos portugueses na capital asiática de seus domínios, Goa. O jesuíta teria mesmo revelado a alguns amigos que considera Goa uma cidade pestilencial pelos maus exemplos que os colonizadores dão aos indígenas.

NÚMEROS ATRASADOS

Ainda dispomos de algum estoque de números atrasados de O BRASIL EM JORNAL.

Se você deseja possuir a coleção completa, deve fazer desde já os seus pedidos, para os endereços citados no Expediente.

Os ns. 1 e 2 só podem ser vendidos desde que o interessado adquira a coleção completa.

Os restantes continuam sendo vendidos avulsamente.

O BRASIL EM JORNAL
EDITORA REFORMA S/A
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretário
RUBEM DE AZEVEDO LIMA
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
Ilustração
HILDE e ADAÍL
Chefe de oficina
RAUL F. S. LOPES
Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO
Promoção
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.
conj. 9-C — Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00



PRATA DE POTOSÍ — Potosí, Bolívia, dezembro, 1546 — Está em franco progresso a exploração intensiva das minas de prata da Bolívia. Reproduzimos com exclusividade um flagrante do trabalho nessas minas (em corte vertical da montanha) em que os índios estão funcionando como escravos, apesar das bulas papais, protestando contra a exploração da atividade nativa na América.

Essa exploração vem sendo feita em favor da Coroa espanhola e teve início em princípios do ano passado.

MÚSICA

Hans Gerle, violeiro de Nuremberg, na Alemanha está fabricando, no momento, os melhores alaúdes da Europa. Os bons executantes não querem instrumentos de outra procedência...

★

Jovem organista e mestre de capela da catedral de Palestrina, é a nova sensação musical da Itália. Seu nome é Giovanni Pierluigi e dizem que em menino fez parte do coro desta mesma catedral, em que agora é mestre. Suas composições estão na ordem do dia, embora inéditas.

★

Cristóvão Morales, um dos maiores contrapontistas espanhóis, acaba de lançar uma coleção de motetes a quatro vozes, em Veneza. A edição desta obra abrange suas composições a partir de 1543 até hoje.

★

George Forster, musicógrafo alemão, está organizando uma antologia de compositores contemporâneos...

★

Eleazar Genet, velho compositor francês (76 anos), radicado em Avinhão, não está bem de saúde, mas continua compondo, especialmente cânticos a cinco vozes.

REVOLUÇÃO NO PERU: OUTRO PIZARRO GOVERNA

Quito, 18, janeiro, 1546 (Do enviado especial)

Blasco Nuñez Vela, primeiro vice-rei enviado ao Peru pela Coroa espanhola, tombou hoje em combate contra as tropas do chefe rebelde Gonzalo Pizarro. Sua cabeça foi decapada por um golpe de sabre dado por um criado negro.

A morte de Nuñez decidiu esta primeira etapa da luta entre o vice-rei e os revolucionários comandados por Gonzalo, irmão do outro Pizarro, Francisco, conquistador do Peru.

Gonzalo Pizarro está agora envolvido na maior aventura de sua vida: iniciou uma autêntica revolta contra a autoridade real de Carlos V e suas ordenações, publicadas para a libertação dos indígenas americanos. Seu gesto toma neste momento caráter extraordinariamente grave, com a morte de Blasco Nuñez, principal representante do rei nestas terras longínquas do Peru.

ANTECEDENTES

Foi frei Bartolomeu de las Casas, o defensor dos índios americanos, quem conseguiu convencer Carlos V a acabar com o sofrimento a que os conquistadores submetem seus escravos. Ciente do que se desenrolava na América, o imperador criou uma junta em Valladolid, composta principalmente de teólogos e juristas, para o estudo do assunto. Las Casas foi ouvido e seus conselhos e informações concorreram para as deliberações da Junta, sancionadas por Carlos V.

Ficou deliberado:

1. São os índios declarados, desde logo, como fiéis e legítimos vassallos da coroa espanhola e, como tais, considerados, formalmente, homens livres.

2. Para não quebrar bruscamente as normas em vigor, os conquistadores poderão conservar seus escravos, que se tornarão livres com a morte de seu senhor.

3. Perdem seus escravos, por abandoná-los ou maltratá-los, todos os empregados públicos, os eclesiásticos e as comunidades religiosas, e, ainda, os que tiverem culpa de crimes nas lutas de Almagro e Pizarro.

4. Os tributos impostos aos índios terão que ser moderados, não sendo permitido obrigá-los a trabalhar quando não o queiram.

Foram essas medidas que provocaram onda de protestos, levando os espanhóis a pegarem em armas. Para se fazer obedecida, a Corte decidiu enviar ao Peru um vice-rei acompanhado de uma Audiência Real, de quatro ouvidores com jurisdição civil e criminal. Foi escolhido para primeiro vice-rei Blasco Nuñez Vela, cavaleiro de Ávila, já idoso e com fama de valente e religioso.

PIZARRO LIBERTADOR

A decisão de Carlos V fazendo libertar os índios escravos correu como um raio do México ao Chile e, no Peru, ante a catástrofe que os ameaçava e a inflexibilidade do vice-rei em fazer-se obedecer, os espanhóis recorreram a Gonzalo Pizarro como mediador junto ao governo para a suspensão das tirânicas ordenações.

DEPOSTO

Lima, janeiro, 1546 (Do enviado especial)

JORNAL ECONÔMICO

SALARIO

Péro de Góis está pagando a seu mestre de açúcar, um empregado casado, o salário de 60 mil reais anuais. Enquanto seus engenhos não produzissem, Góis lhe pagaria apenas 20 mil reais.

★

GASTOS OFICIAIS

Documento de procedência oficial revela que os gastos com o governo de Portugal e colônias se elevaram, de 1523 ao último dia do ano de 1544, a Cr\$ 1.573.840,00.

★

criação

Vasco Quiroga, homem muito letrado de Valladolid, está plantando, no México, muitas árvores trazidas da Espanha. Em Perangueo,

naquele país, deu, há pouco, início a uma criação de gado vacum.

★

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA

Caixas e mais caixas de açúcar selecionado foram embarcadas para Lisboa. Os 5 engenhos da capitania de Duarte Coelho estão produzindo o que os peritos consideram o melhor açúcar do Brasil.

Além do açúcar, também algodão, embora em menor quantidade, foi enviado para Portugal. Superada a crise com os índios, a capitania retomou a produtividade com o mesmo impulso. A situação em Olinda e Igarapé é considerada boa, apesar da proximidade de Itamaracá, centro de pirataria e contrabandismo.

«A quem tirar meus bens tirarei eu a vida» — eis o que estava escrito, como uma ameaça, à porta da casa de Blasco Nuñez, num lugar onde passou a noite, a caminho desta cidade. Essa e outras atitudes hostis ao vice-rei culminaram com sua fria recepção ao chegar a esta cidade.

Gonzalo Pizarro, com seus exércitos acrescidos de muitas adesões de ex-partidários de Nuñez, marchou sobre Lima. Sem meios para enfrentá-lo, o vice-rei decidiu abandonar a cidade, retirando-se para Trujillo. Com isto não se conformou a Audiência Real (praticamente incompatibilizada com Blasco Nuñez desde o Panamá), que depôs o vice-rei, assumindo o governo e suspendendo as ordenações reais até nova determinação.

REPERCUSSÃO

Lima, janeiro, 1546 (Do enviado especial)

Sabe-se agora que a notícia da revolução de Gonzalo Pizarro espocou como uma bomba na corte espanhola, onde é regente o príncipe Filipe, filho de Carlos V. «A mais formosa de suas gemas poderia desprender-se do diadema imperial» — era o que se dizia entre a nobreza.

Foi nomeado presidente da Audiência Real o clérigo Pedro de La Gasca, dada a necessidade de se recorrer a meios conciliatórios, por ser uma temeridade enfrentar pelas armas os rebeldes exaltados.

CHEGA LA GASCA

Lima, agosto, 1546 (Do enviado especial)

Pedro de la Gasca chegou a

Añaquito. Nada se teme quanto à sua pessoa, pois veio ao Peru acompanhado de pequena comitiva e diminuta força militar.

Mesmo assim, há certa inquietação em virtude da incerteza sobre quais as providências que serão tomadas contra Gonzalo Pizarro e os que o acompanham. A morte do vice-rei, degolado de maneira inglória, comprometeu irremediavelmente os revolucionários ante o poder real.

MORTO MANCO

Lima (Peru), 1545 (Do correspondente)

Manco Inca, o soberano indígena revolucionário refugiado em Vilcapampa, foi estupidamente assassinado num jogo de boliche que disputava com espanhóis almagristas asilados em sua corte. Matou-o Gómez Pérez, utilizando-se de uma das garrafas de madeira do boliche, após rápida e violenta discussão. Seguiu-se a inevitável reação dos incas, que massacraram todos os espanhóis que se achavam em Vilcapampa.

Com o desaparecimento de Manco Inca, perde a revolução indígena toda sua força. Manco foi o último dos chefes incas que reagiram, de armas na mão, contra os invasores de sua terra e escravizadores de seu povo.

Deve-se a ele o famoso cerco de Cuzco, noticiado detalhadamente em número anterior de O BRASIL EM JORNAL. Não conformado com a situação de imperador fantoche que lhe dera Pizarro, Manco fugiu para as montanhas e organizou uma vasta rebelião, que cedo se alastrou por quase todo o país, com repetidas e perigosas incursões e guerrilhas.

TROPAS IMPERIAIS DERROTAM EXÉRCITOS REFORMISTAS

Smalkade, 20, julho, 1546 (Urgente)

É inevitável a guerra religiosa dentro da Alemanha. O imperador Carlos V acaba de banir do império o eleitor de Saxe, João Frederico, e o landgrave de Hesse, dois dos sustentáculos da já famosa Liga de Smalkade, que reúne os príncipes e as autoridades alemães de tendências protestantes.

— «Resistiremos até o último homem. Nossas tropas estarão firmes no combate e na liquidação dos exércitos de Carlos V.» Essa declaração foi colhida pela reportagem junto ao Estado Maior das forças militares protestantes.



MAURICIO DE SAXE

Passou a protestar contra protestantes...

Revolução na Escócia

Edimburgo, dezembro, 1546

O cardeal David Benton e inúmeros chefes católicos foram mortos a ferro e fogo na revolução protestante, de tendência calvinista, que, a 29 de maio, dominou esta cidade. Essa revolução teve a chefia de um antigo padre, teólogo formado pelas Universidades de Glasgow e Santo André, John Knox.

Knox substituiu, na liderança, um outro teólogo de Cambridge, Georges Wishart, que há três anos pregava contra os dirigentes escoceses e os líderes católicos. Em 28 de março, o cardeal Benton levou-o à fogueira porque ele combatia os sacramentos e a existência do purgatório.

Agora foi abolida a Santa Missa, enquanto Knox procura levar mais adiante sua reforma para transformar a Escócia de país católico em protestante.

FRANÇA "COMPRA" BOLONHA

Bolonha, 20, junho, 1546

Depois de tentativas inúteis e grandes perdas, o rei de França, que chegou até a tentar um desembarque na Inglaterra com sua pequena frota, se viu forçado a pagar o resgate de Bolonha.

A França se comprometeu a pagar à Inglaterra num prazo de 8 anos e com juros, a soma de 800 mil escudos, pelo abandono de Bolonha, conquistada por Henrique VIII.

Ao mesmo tempo, Francisco I assumiu solene compromisso de abandonar a Escócia à sua sorte e não mais se envolver com a política daquele país.

EM PLENO COMBATE

Augsburgo, 31, dezembro, 1546
(Condensado dos despachos de nossos enviados especiais junto às duas frentes de batalha)

Enquanto se reúne o grande Concílio de Trento, tropas protestantes e católicas (espanholas, italianas e também alemãs), estas sob o comando direto do já encanecido e alquebrado imperador Carlos V, combatem ferozmente em várias cidades, destacando-se as batalhas travadas ao longo do Rio Rhin.

Sob a chefia de Carlos e Fernando Farnese, sobrinhos do Papa, tropas de Sua Santidade reforçam os exércitos imperiais contra os protestantes alemães. A princípio, os confederados da Liga de Smalkade levaram grandes vantagens, ocupando diversas cidades.

A reação católica não se fez esperar. Com a ajuda dos homens do duque Maurício de Saxe (antigo chefe protestante que aderiu a Carlos V) e do conde de Buren, os exércitos imperiais estão, neste momento, levando de vencida várias praças protestantes. Ulm, Francfort, Halle, Heilborn, Wurtemberg e mesmo esta cidade de Augsburgo, já caíram em mãos das tropas católicas.

«IMPERADOR, MORTO OU VIVO!»

Nosso enviado especial junto a Carlos V, dele ouviu declarações dramáticas quando as coisas não iam bem: — «Tenho em mim a vontade firme e inquebrantável de permanecer imperador da Alemanha, vivo ou morto!»

Afirma nosso enviado que Carlos V está minado pela doença, torturado pela gota de que sofre, gasto mesmo pelas eternas viagens através do seu vasto império, abatido pelas decepções, com a revolta e a traição em torno de si, mantendo-se em pé quase que somente por obra e graça de sua vontade de ferro e de sua pesada armadura.

APOIO FRACASSADO

Era objetivo dos confederados protestantes conseguir o apoio de Francisco I e Henrique VIII. As ilusões, no entanto, estão praticamente superadas, uma vez que ambos os soberanos, vítimas de gravíssimas moléstias, estão totalmente impedidos e desencorajados de tomar qualquer atitude na guerra sangrenta que se trava na Alemanha. Fracassaram inclusive as tentativas de empréstimo, junto aos bancos de Lião, mesmo com o oferecimento de juros enormes.

Fontes bem informadas e peritos de assuntos militares não acreditam que a Liga de Smalkade consiga resistir por muito tempo mais às forças de Carlos V.

FRACASSO FRANCÊS NO CANADÁ



M A P A

Roberval e seus soldados chegam a France-Roy.
(Concepção de Desceliers)

Paris, janeiro, 1545 (Do correspondente)

FRACASSO

Somente agora estão sendo divulgadas notícias sobre o malogro da tentativa, feita por Francisco I, para a ocupação e colonização do Canadá. Por determinação sua, três navios, sob o comando de Aussillon, foram enviados, em 1543, a France-Roy-sur-France-Prime para repatriar os remanescentes da expedição de Jean François de la Rocque, senhor de Roberval.

A expedição de Roberval vinha sendo planejada desde 1540, evitando-se a ocupação de regiões já pertencentes a soberanos amigos, tais como Carlos V e D. João III. Cogitou-se, também, dos aspectos militares, administrativos e catequese dos índios.

A Roberval foi dado o título de «tenente-general-chefe, condutor e capitão» da empresa, em posição superior a Jacques Cartier (que já estivera duas vezes no Canadá), que obteve o posto de capitão e piloto-mestre da expedição.

Não foi bem recebida, na França, a escolha de Roberval para chefe da importante expedição. Seu passado não é dos melhores e sua vida na corte francesa o empobreceu. Desde 1535 é considerado calvinista. Mas seus dotes militares e seu prestígio junto a Francisco I — que lhe devota grande amizade — valeram-lhe o comando, passando para plano secundário a Cartier, muito mais experiente no assunto.

CARTIER SEGUIU ANTES

Cartier, nomeado para o posto de piloto-mestre desde 1540, seguiu para o Canadá antes de Roberval. Partiu de Saint-Malo a 23 de maio de 1541, com cinco navios cheios de passageiros e tripulantes, muitos destes recrutados entre criminosos condenados por crimes diversos. Dirigiu-se à Terra Nova, que alcançou após penosa viagem.

ça poderá também ter concorrido em muito para dificultar os entendimentos de Roberval com as autoridades de Paris.

O LOGRO...

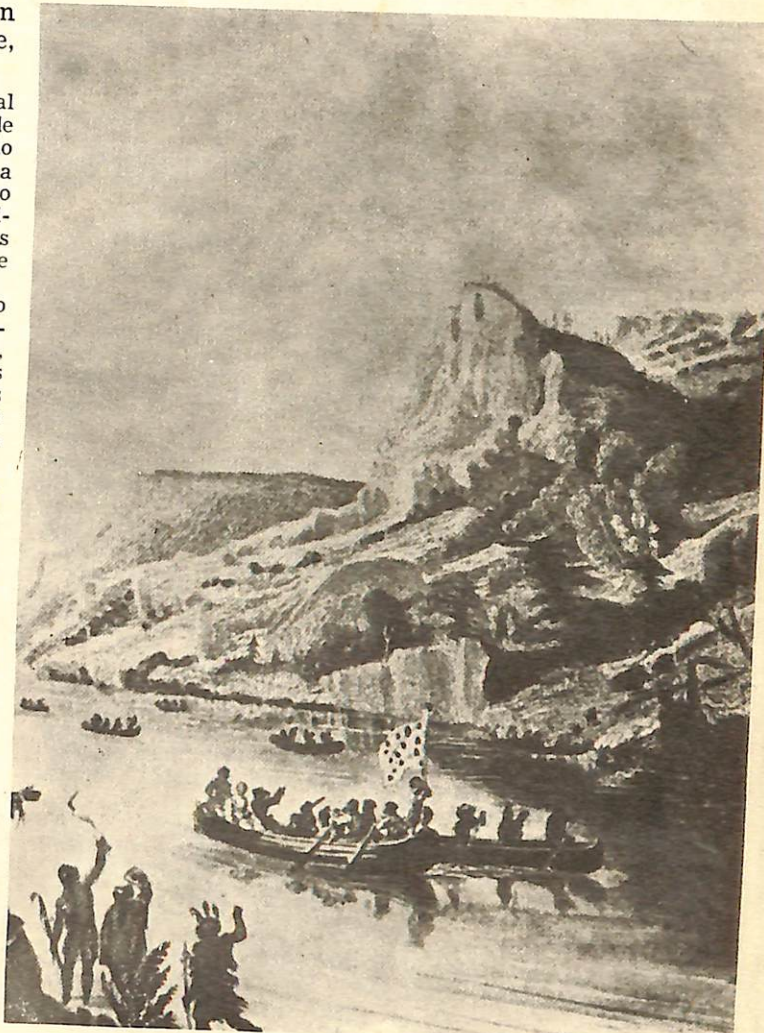
Paris, janeiro, 1545

Com Jacques Cartier, a mando de Francisco I, foram para o Novo Mundo, recrutados como tripulantes e colonos, condenados por crimes os mais variados, entre eles o mestre-de-moedas Pierre de Ronsard ou Ronssart, de boa e antiga família de Bourges, que estava cumprindo pena de cinco anos de banimento por falsificação de moedas.

Cartier instalara-se no Canadá, na vila de Charles-Bourg Royal, entre dois fortins que construira para defender-se dos possíveis ataques dos índios. Certa manhã, nas margens do rio Cabo Vermelho, que banha a cidade, aparecem lâminas de ouro do melhor, da grossura de uma unha e, no campo, diamantes maravilhosamente lapidados, até então nunca vistos pelo homem, pela sua extraordinária beleza.

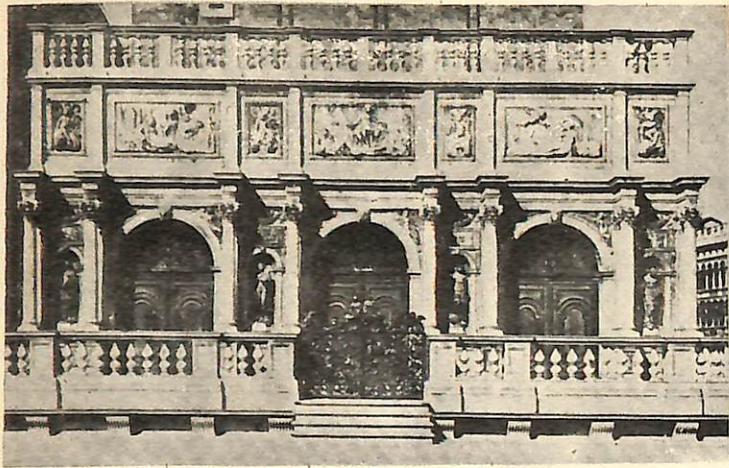
A notícia alvoroçou Cartier, que recolheu grande quantidade do ouro e dos diamantes, e seguiu para a França, para levar o feliz resultado de sua aventura canadense.

Trouxe, sem o saber, para entregar ao rei, como prova da sua riqueza imensa no Novo Mundo, apenas cobre e xisto rico em mica. Ronssart, o falsificador de moedas, tirara sua vingança. Emprega-se por isso na França um ditado: «falso como um diamante do Canadá»...



ANTES DO FRACASSO

Cartier sobe o São Lourenço em pequenos barcos.
Esforço inútil.



A «LOGGETTA»

ARQUITETURA E ESCULTURA

Veneza, 1546 (Do correspondente)

Jacopo Sansovino, o grande escultor florentino, desde há muito radicado nesta cidade, terminou este ano sua famosa obra da «loggetta» da «campanila» (pequeno edifício isolado, construído ao lado de uma igreja) de Veneza, destinada a ponto de reunião, em que os nobres venezianos discutirão assuntos da maior importância.

O que faz mais valioso esse pequeno edifício são os relevos e as estátuas (de Mercúrio, Pallas, Pax e Apolo). A «loggetta» é mais uma jóia, uma caixa de mármore cinzelado, do que uma casa para abrigar pessoas. O entusiasmo estético de Sansovino já o revela como um completo veneziano em sua arte.

CELLINI COMEÇA PERSEU

Florença, 1545 (Do correspondente)

Benevenuto Cellini, o agitado e exuberante artista, voltou a esta cidade, vindo de Paris, desta vez com intenção de aqui radicar-se. Veio para demonstrar que «fizera grandes progressos desde que daqui partira», conforme ele mesmo declarou ao repórter.

RECEBIDO PELO DUQUE

Cosme de Médicis, duque de Toscana, recebeu em seu palácio de veraneio o artista Benevenuto Cellini, indagando-lhe quais as obras que executara para Francisco I, rei da França.

Cosme pediu ao artista que lhe fizesse alguma obra de arte, e que lhe pagaria com tantos favores, que Cellini ficaria surpreendido.

A reportagem conseguiu apurar que Cellini executará para Cosme de Médicis uma estátua

CHINESES ARRASAM FEITORIA LUSA

Ningpó, China, dezembro, 1545 (Do correspondente)

A feitoria portuguesa nesta cidade foi arrasada por forças chinesas. Perto de mil casas foram destruídas, sob a alegação de que serviam aos portugueses.

O conselho de vereadores, funcionários da justiça e administração foram presos. Ignora-se o motivo da brusca mudança de comportamento das autoridades chinesas, mas recorda-se que, há tempos, piratas como Antônio de Faria assaltaram embarcações chinesas e devastaram um santuário em busca de riquezas.

Ningpó era entreposto exclusivamente comercial e as perdas portuguesas são avultadas.

de Perseu, cujo modelo, em tamanho pequeno (40 centímetros), feito em cera amarela, já foi entregue ao duque. Cellini começará breve sua obra, que se espera seja superior às executadas para Francisco I, entre 1540 e 1545 (um saieiro, uma estátua de Júpiter e a Ninfa de Fontainebleau), consideradas indignas de seu gênio, à exceção da Ninfa.

TRATADO

Paris, 1545 (Do correspondente)

Sebastião Serlio, arquiteto e construtor italiano radicado nesta cidade, onde está a serviço do cardeal Hipólito de Este, conselheiro político de Francisco I, lançou este ano seu tratado «Princípios de Geometria e de Perspectiva».

LIVROS & AUTORES

Rabelais acaba de lançar o que chamou de «Terceiro livro», uma continuação de Gargântua e Pantagruel. O autor trata, agora, apenas de um problema: Panurgo deve casar-se ou não? Consultas são feitas a Pantagruel, a uma sibila, a um poeta etc. As respostas são as mais contraditórias, e ele consegue dissuadir Pantagruel a empreender uma longa viagem para consultar o oráculo da Divina Garrafa. Resultado: uma odisséia muito satírica se desenrola... Bem, é melhor que você leia...

Salu afinal, nove anos após a morte do autor, a «Vida e Feitos do Rei D. João II». Garcia de Resende concluiu-o por volta de 1533, mas sua doença e depois sua morte, em 1536, deixaram o livro esquecido.

A obra póstuma não tem agradado. Trata-se apenas de uma coleção de historietas, onde avultam algumas páginas com o suplício dos nobres que tentaram assassinar o biografado. Mais anedotas que história, segundo os críticos.

O frade Luís de Miranda, que acompanhou Pedro de Mendonça na fundação de Buenos Aires, em 1536, e presenciou ao assédio que os índios fizeram à cidade até a destruírem, está escrevendo, em versos de pés quebrados,

EM SOCIEDADE

Repercutiu intensamente em Pernambuco a concessão que o rei fez a Duarte Coelho: carta de brasão para o governador e seus descendentes.

Trata-se realmente de pessoa da melhor nobreza e D. João III, assim agindo, reconhece-lhe publicamente seu mérito.

Benevenuto Cellini resolveu afinal deixar a França. E deixou muito rapidamente... Tudo por causa da verdadeira rainha — embora não o seja — a duquesa de Etampes, favorita de Francisco I.

Cellini, como já sabem nossos leitores, é um homem cheio de vícios, tão cheio de vícios quanto de gênio. No entanto, de vaidade e orgulho a toda prova, é talvez um dos raros, raríssimos homens que não curvaram a cabeça diante da duquesa.

De qualquer forma nunca respeitou a duquesa e jamais submeteu a ela seus projetos, como fazem todos os outros artistas a serviço de Francisco I. Por último, quando da inauguração do seu Júpiter, provocou um incidente tão grave com a duquesa de Etampes que ela, em meio a uma crise de nervos, exigiu o enforcamento de Cellini. O rei de França desta vez não atendeu à favorita, e res-

pondeu-lhe: — «Traga-me um gênio que possa substituí-lo e, então, eu o enforcarei.»

Porque quis obter os favores de Margarida de Navarra e apelou para um feiticeiro célebre (Cosme Ruggieri, favorito de Catarina de Médicis) o marquês de La Môle foi degolado.

La Môle recebera do feiticeiro uma boneca de cera e devia introduzir, para alcançar seu objetivo, uma agulha no coração da boneca. A feiticeira foi descoberta, e La Môle, que conseguira seu intento, teve, em consequência, a cabeça separada do corpo.

Um estrangeiro, presente a uma audiência de Francisco I, disse-nos que não lhe agradou a etiqueta da corte francesa.

«Enquanto o rei conversava com o cardeal de Tournon e o almirante Annebaut, declarou-nos, eu, na mesma sala, esperava pacientemente a vez de ser atendido.»

Pero de Góis, o infeliz donatário de Paraíba do Sul, escreveu a D. João III uma carta patética. Queixando-

-se das dificuldades em que ficou, em consequência do malbarato de sua fazenda, Góis apela para o rei a fim de que auxilie uma sua irmã que é freira em Santa Clara de Beja, há 20 anos, desde 1526.

Fontainebleau ouviu, dia 2 de agosto de 1545, novos choros reais: nasceu outro herdeiro de futuro rei de França, Henrique, marido de Catarina de Médicis. Mamãe está passando bem e o neném vai chamar-se Isabel.

Do Peru chegou-nos curioso poema de autor desconhecido. Apenas sabemos que se trata de poeta índio, nada mais. A título de curiosidade, transcrevemos a poesia, sem nome:

«Bela princesa, teu irmão quebrou teu jarro e isto porque a tempestade ruge, o relâmpago se acende e o raio cai sobre a terra. Mas és tu, princesa, quem nos deve dar água fazendo chover e às vezes nevar. O criador do mundo Pachacamac Viracocha criou-te para apenas isto.»

ELEFANTE BRANCO PROVOCA GUERRA

Sião, novembro, 1546 (Do enviado especial Fernão Mendes Pinto)

Por causa de um elefante

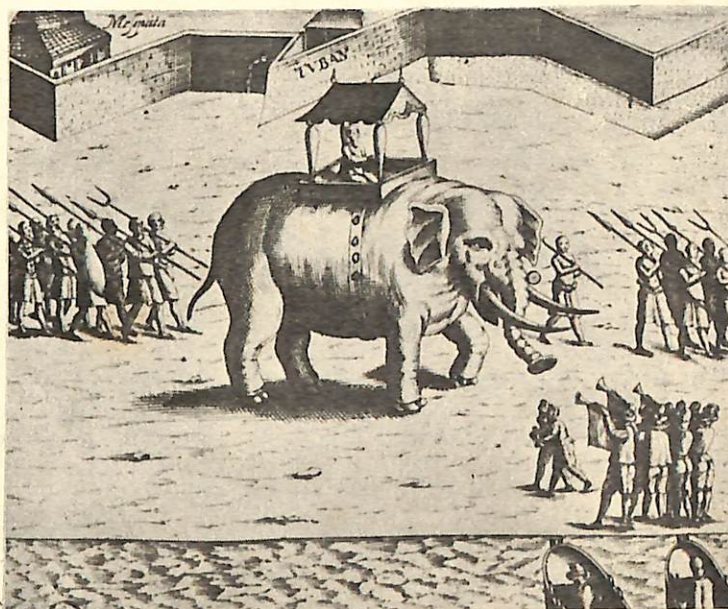
branco, que simboliza a preferência divina, está iminente uma guerra entre os reis da Birmânia e do Sião.

Correm rumores de que na Birmânia se prepara uma invasão deste país, para o começo do próximo ano.

Este correspondente pôde ver o objeto da disputa, o elefante, quando o levavam para o banho no rio. Uma enorme multidão acompanhava-o a pé e cerca de 80 outros elefantes conduziam os grão-senhores da terra. A guarda do animal sagrado compunha-se de 3 mil

soldados armados. Jóias caríssimas cobriam-no da cabeça aos pés. Na tromba, uma bola de ouro brilhava ao sol do Sião, ofuscando a miséria do povo.

Um porta-voz do palácio real disse-me que, quando o animal morre, a procura do substituto praticamente paralisa a vida administrativa do país. O rei só descansa quando outro elefante branco é sagrado. O objeto da disputa, segundo a mesma fonte, é da mais alta importância para o governo, pois representa autoridade incontestável.



ELEFANTE

Ser branco é ser deus...

OS TRABÃES



1. Suíço — 2. Escandinavo — Portugal não tem disso não...

Lisboa, 1546 (Do correspondente)

Notícias chegadas da Suíça informam que acabam de ser criados, nas tropas de seus cantões, os alabardeiros denominados **trabans**, da palavra alemã **trabant**. Armados de fortes alabardas, quatro deles integrarão cada companhia de infantaria, para servirem como ordenanças de oficiais e de guardas da bandeira.

É interessante a introdução desses soldados, esco-

lhidos pela robustez e bravura, nas tropas helvéticas, porque eles representam uma tradição militar em via de extinção. Já foram suprimidos da Guarda dos Papas e do corpo dos Cem-Suíços, que constituem a guarda dos reis da França. O rei da Suécia, Gustavo Vasa, todavia, os mantém em Estocolmo, porque sempre houve trabans na guarda pessoal dos soberanos escandinavos, tendo-se tornado célebres os **trabans-a-cavalo**, da dinastia dos Estúrios, cobertos, da cabeça aos pés, de cotas de malhas, e armados com as terríveis **hardichas**, verdadeiras achas de armas de longa haste, de origem eslava.

Algumas autoridades militares portuguesas, ouvidas pela reportagem sobre o que pensavam dessa notícia vinda da Suíça, declararam que esta casta de soldados de escol, ou especializados, nunca foi empregada nas tropas de Portugal e Espanha. Acrescentaram que, de acordo com a índole de nossa língua, o termo **traban** deve ser traduzido para **trabão**, com o conseqüente plural **trabões**.

UM FIO DE BARBA VALE PELA PALAVRA EMPENHADA



Leonardo Nunes
D. JOÃO DE CASTRO

Um fio de sua barba vale mais que os compromissos de muitos. (Pose autografada, especial para «O BRASIL EM JORNAL»)

do ao lado deste correspondente, que escapou por milagre, feriu mortalmente Fernando de Castro e outros.

MULHERES DAO JOIAS

A notícia das dificuldades por que passávamos espalhou-se, e de toda a Índia não nos faltaram recursos. De Chaul, segundo soubemos mais tarde, uma mulher admirável, Catarina de Sousa, recolheu fundos para que continuasse a resistência aos muçulmanos. Ela mesmo deu o exemplo: vendeu suas jóias e, com o dinheiro apurado, comprou mantimentos e armas.

Em fins de julho, outra esquadra chegava a Diu. Eram 40 naus sob o comando de outro filho de D. João de Castro, que assim cumpria o prometido.

O moço Alvaro enfrentou as mesmas dificuldades que seu irmão, mas a visão dos seus navios reanimou a soldadesca de Diu. Mal podíamos manter as posições em que nos encontrávamos e o reforço conteve os muçulmanos.

Outra grande surpresa ainda estava reservada para todos nós: em fins de outubro, o próprio D. João de Castro apareceu diante da cidade com outra esquadra. A parada estava ganha. O combate entre portugueses e muçulmanos foi rápido e terminou com a completa vitória dos sitiados, após alguns dias.

RECONSTRUIR DIU

Diu, 23, novembro, 1546 (Do enviado especial Leonardo Nunes)

Falando-nos hoje, o governador da Índia, D. João de Castro, explicou-nos quais são os seus planos com relação a esta cidade.

«Diu está quase toda em ruínas. Nem um palmo das muralhas do forte pode ser aproveitado. Para que a reconstruamos, mandei pedir 20 mil pardaus aos vereadores, juizes e povo de Goa. Não tenho recursos para garantia deste empréstimo. Pensei em oferecer como penhor os ossos de meu filho, mas o desenterei e vi que o seu estado não é dos melhores. Mudei de idéia e enviei a Goa um fio de minha barba para assegurar que o dinheiro que me emprestarem será totalmente reembolsado.»

GOA DISPENSA BARBA

Goa, dezembro, 1546 (Do enviado especial Leonardo Nunes)

O Senado desta cidade, respondendo ao apelo de D. João de Castro, enviou-lhe 20 mil pardaus para a reconstrução da fortaleza de Diu. Na resposta mandada ao governador foi também devolvida a garantia que aquele prestara, um fio de sua barba.

Para os goenses, a palavra de D. João de Castro é garantia mais que suficiente. Este correspondente apurou, também, que se preparam grandes festas para receber D. João de Castro, que deverá regressar a Goa logo que o permitam seus afazeres em Diu.

Francisco I muito doente

Paris, dezembro, 1546

Francisco I, soberano da França, o "Rei Cavaleiro", depois de 31 anos de reinado, demonstra ser grave seu estado de saúde.

Não tem mais nos olhos aquela brilho e aquela disposição de viver, que sempre o caracterizaram. As guerras, as lutas e, em grande parte, os prazeres, liquidaram com a saúde deste que tem sido, sem dúvida, um dos maiores soberanos da França, através da História.

A reportagem teve oportunidade de ver o rei, alquebrado, pálido e emagrecido, quando se retirou para o seu castelo de Chambord, maravilhosa obra arquitetônica, cheia de riquezas esculturais, mas, também, lúgubre com seus enormes labirin-

tos de corredores que se cruzam, e imensos salões. O rei partiu para Chambord pela primeira vez à procura de solidão. Lá 200 pessoas podem viver meses a fio sem se encontrarem uma única vez.

Os Guise, Diana de Poitiers, Catarina de Médicis e a duquesa de Etampes, assim como, e principalmente, o delfim Henrique, marido de Catarina e herdeiro da Coroa, estão em agitação constante.

Sente-se que o estado de Sua Majestade é melindroso, embora ele se mantenha de pé, realizando mesmo longos passeios.

Seus médicos de cabeceira parecem desanimados com as tentativas inúteis que têm feito no sentido de restituir-lhe a saúde perdida. Dentre todos, a que se mantém mais afastada das agitações e da excitação características das mudanças radicais, é justamente a rainha Leonor. Ela que, em toda sua vida de soberana de França, se viu sempre relegada a segundo plano, ofuscada permanentemente pela duquesa de Etampes e até mesmo por Diana de Poitiers, favorita do delfim.

CONDENADOS POR HERESIA

Meaux, França, 4, outubro, 1546 (Urgente)

Uma assembléia judiciária de cunho religioso acaba de condenar à morte, na fogueira, 14 de 61 fiéis julgados por heresia ou suspeitos de simpatia pela Reforma.

«O BRASIL EM JORNAL» tem a honra de divulgar os sensacionais despachos da luta heróica dos portugueses na defesa de Diu. Esses despachos são assinados por Leonardo Nunes, um dos que mais se destacaram na luta.

Ele nos conta também quanto vale um fio de barba de um homem honrado.

Diu, 10, novembro, 1546 (Do enviado especial Leonardo Nunes)

Cantando e dançando, os soldados portugueses festejaram, hoje, notável feito: os muçulmanos que cercavam esta cidade foram batidos e postos em fuga. Em volta dos muros do forte de São João contaram-se 3 mil cadáveres inimigos, inclusive o de seu último comandante, Rume-khan.

As baixas portuguesas não passam de 60 homens, embora o número de feridos seja elevado. Este correspondente mesmo, durante a explosão de uma mina que matou um jovem filho do governador da Índia, sofreu terríveis queimaduras nas mãos.

RAZÃO DA GUERRA

O ataque muçulmano, segundo os observadores militares sediados aqui, já era mais do que esperado. Mas, mesmo assim, não se tomara providência alguma para evitá-lo.

A derrota dos turcos, há oito anos, não fôra definitiva. Esperava-se que eles se rearmassem para retomar o ataque. Em fins de fevereiro deste ano, notaram-se os primeiros movimentos de tropas sob o comando de Kodja Sofar. João Mascarenhas, capitão de Diu, com apenas 250 soldados, solicitou socorros a D. João de Castro.

— Os turcos queriam a desforra da derrota aqui sofrida em 1538, disse-nos Mascare-

nhas. Em março já estávamos praticamente isolados do mundo, em situação crítica e diante de 10 mil inimigos.

SANGUE E LAGRIMAS EM DIU

O primeiro auxílio mandado a esta cidade chegou em meados de abril. Era um contingente diminuto, sob o comando de Fernando de Castro, rapaz de 19 anos e filho de D. João de Castro, o governador.

Fernando rompeu o bloqueio e conseguiu juntar-se aos sitiados. Este correspondente ouviu da própria boca do jovem comandante a confirmação da vontade de D. João de Castro: defender Diu a todo custo.

Segundo Fernando, as últimas palavras de seu pai foram, textualmente:

«Eu vos mando, meu filho, com estes 200 soldados, para uma cidade inteiramente cercada pelos turcos. No que toca a vossa pessoa não fico preocupado: por cada pedra daquela fortaleza arriscarei a vida de um filho.»

Na primeira troca de tiros entre tropas recém-chegadas e os muçulmanos, os portugueses foram felizes e mataram, casualmente, o próprio Kodja Sofar. Pensou-se que o fato abalaria o moral dos sitiados, mas tal não aconteceu: Rume-khan, filho de Kodja, assumiu o comando dos muçulmanos e reatacou imediatamente, com minas explosivas.

Uma dessas minas, explodiu-